

RECONHECIMENTO, IDENTIDADE E APAZIGUAMENTO: UMA ANÁLISE DOS PRONUNCIAMENTOS DO PRESIDENTE LULA A TRABALHADORES.

Maísa Ramos Pereira¹ (UFSCar)

maysa@ufma.br

Introdução

O fato de Luís Inácio Lula da Silva ter sido *o primeiro operário a chegar à presidência da República* foi e continua sendo ressaltado e utilizado por publicitários, jornalistas, parlamentares, líderes sindicais e, inclusive, pelo próprio Lula e seus partidários. Percebemos que o papel social representado pelo ex-presidente na sociedade brasileira não só contribuiu para que ele fosse eleito, mas também para que ele se destacasse pela aprovação e boa aceitação de seu mandato, tendo em vista uma suposta identificação do povo brasileiro com sua imagem.

Nossa inquietação emerge no seguinte sentido: chegando ao poder, podemos observar que Lula continua a enunciar como *porta-voz* da classe trabalhadora. Então, como se dá a inscrição ideológica do referido sujeito político na língua, no momento em que fala do *lugar social* de presidente? A *posição-sujeito* a que se filia ideologicamente identifica-se com a classe trabalhadora? Partimos do pressuposto de que Lula, enquanto ocupava o *lugar social* de presidente, não apenas falava e portava-se como trabalhador, sindicalista, operário, ao dirigir-se a trabalhadores brasileiros, mas reforçava discursivamente tal imagem diante de seus enunciatários através de retomadas de acontecimentos históricos, como as greves dos metalúrgicos do ABC Paulista, dentre outros procedimentos de legitimação de seu dizer.

Entendemos que o processo de inscrição em uma *ideologia dominante*, correspondente ao *lugar social* de presidente, envolta em uma superfície linguístico-imagética característica de uma identidade operária, traz um complexo fenômeno discursivo. Temos presente que não existe discurso homogêneo, imune a paradoxos, mas objetivamos evidenciar contradições existentes, com o propósito de problematizar discursos hegemônicos que circulam sobre esta nova forma de governar, como, por exemplo, a ideia de que os trabalhadores já poderiam sentir-se contemplados por estarem *representados*. Buscamos evidenciar a identificação do sujeito político em questão com a Forma Sujeito Histórica capitalista, contrastante e contraditória com relação à materialidade linguística de que se reveste seu dizer.

Considerando estas reflexões, buscamos não somente analisar o caráter linguístico das declarações políticas do presidente, mas deflagrar mais uma discussão no âmbito político sobre os processos discursivos em que se inscrevem atualmente os chefes de Estado frente a uma crise do regime democrático, cuja manifestação tem aparecido sob a forma da emergência de representantes que se assemelham ao povo (ROSAVALLON, 1998), sem que haja efetivamente ruptura com o paradigma do sistema capitalista.

Nesta conjuntura histórica, o discurso político goza de uma ambivalência entre a confiança que o legitima e o descrédito que o torna vítima de suspeitas (PIOVEZANI, 2009). Sendo assim, consideramos necessária uma análise crítica do discurso de Lula que explore sua condição de apaziguador de conflitos sociais, de estabilizador político da luta entre as classes, tomando por base a identificação das relações existentes entre os sujeitos, de reconhecimento, identidade e apaziguamento (ORLANDI, 1983).

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos.

Fundamentamos nossa pesquisa nos postulados teórico-metodológicos da Análise de Discurso filiada ao Grupo de Michel Pêcheux, tendo como objetivo primeiro analisar procedimentos de legitimação do dizer político nos pronunciamentos do presidente Lula a trabalhadores, nos eventos de comemoração de 1º de maio, de 2003 a 2010. Realizamos um estudo sobre as noções de *formação discursiva*, *ideologia*, *posição sujeito*, *lugar social* e *porta-voz*, para a interpretação de nosso *corpus*, com observância das seguintes questões: Quais são os modos de dizer do sujeito político que prestam legitimidade a seu dizer político? Qual é a filiação ideológica do sujeito enunciador? Quais são as ancoragens discursivas espaciais e temporais que permitem ao sujeito que se estabeleça como *porta-voz* da classe trabalhadora? Portanto, iniciaremos por discutir noções fundamentais da Análise do Discurso para elucidar nossa investigação.

1. Algumas noções fundamentais da Análise do Discurso.

Seguindo a perspectiva pecheutiana em Análise do Discurso (AD), apresentamos algumas reflexões sobre as implicações da relação entre as noções de *ideologia* e *formação discursiva* (FD), algumas das categorias com as quais trabalhamos em nossa pesquisa. Para tanto, trazemos desde contribuições dos precursores da AD a leituras realizadas por analistas de discurso contemporâneos, que atuaram ou se debruçaram sobre a reformulação epistemológica por que passou este campo de estudo.

Desde a segunda fase do desenvolvimento dos trabalhos sobre o discurso na França, o conceito de FD tem sido colocado em causa devido às problematizações emergentes e intrinsecamente necessárias ao próprio fazer científico em Análise do Discurso - a metodologia da área sempre foi pautada não apenas no questionamento dos discursos em circulação, mas no repensar seu próprio discurso teórico. Desta maneira, imerso em uma desconstrução teórica dirigida (MALDIDIER, 2003), o grupo de analistas em torno de Pêcheux repensou a noção de FD, passando a voltar-se, sobretudo, para a ideia de explosão da maquinaria discursiva:

A noção de formação discursiva (FD) começa a fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu “exterior”: uma FD não é um espaço estruturalmente fechado, pois é constitutivamente “invadido” por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (PÊCHEUX apud FERNANDES, 2005, p.51).

Que elemento desestabilizaria a homogeneidade de uma *formação discursiva* de forma a ocasionar a explosão da maquinaria discursiva? Os estudiosos atentaram para o fato de que cada FD traz em si mesma o germe de sua contradição. Considerando não haver univocidade entre linguagem, pensamento e mundo, pela pressuposição da inexistência de um sujeito cartesiano e com base na influência advinda da orientação althusseriana, os analistas passaram a defender que a interpelação ideológica poderia ser vislumbrada na língua, sob a forma de assujeitamento dos indivíduos falantes à forma-sujeito histórica do Capitalismo. Este processo transborda as fronteiras do sistema linguístico, instaurando a confluência da língua com a história.

É por sua inscrição na história que a língua faz sentido e a luta entre as classes revela-se, obrigando determinado indivíduo a falar de determinada forma seguindo a orientação ideológica da FD em que se inscreve para significar: o caráter de classe mostra-se fundamental para a produção de efeitos de sentido. *Burguês* e *proletário* podem falar a mesma língua, contudo seus posicionamentos ideológicos determinam a

discursivização que fazem a respeito das coisas do mundo - em uma mesma base linguística imbricarão sentidos em conflito, tal como em suas relações sociais.

E poderia esta determinação ser tão exata e linear? As *formações discursivas*, inseridas no interior de *formações ideológicas* (FI), determinam o que pode e deve ser dito, mas justamente no lugar do equívoco, da resistência, do conflito, da falha e da contradição, no âmago do paradoxo, irrompe o que se vem a denominar posteriormente como interdiscurso. Este discurso transversal, atravessador de cada uma das *formações*, faz com que elas sejam constitutivamente heterogêneas, frequentadas pelo seu outro. E, ao negar o outro, elas o retomam, desencadeando o processo discursivo, marcado por uma historicidade herdeira e deflagradora de sentidos.

No capítulo II de *Análise do Discurso Político* – o discurso comunista dirigido aos cristãos, Courtine, ainda filiado a um ponto de vista canônico em AD (GREGOLIN, 2005), elucida as relações entre as FD e as FI:

As FD são componentes interligados das FI. Isso implica que as FD que constituem a mesma FI possam ser distinguidas umas das outras (em razão, por exemplo, de sua “especialização”), mas sobretudo que as FD que dependem de FI antagônicas, aliadas, ... mantêm entre si relações contraditórias que se inscrevem necessariamente na própria materialidade dessas FD, isto é, em sua materialidade linguística. Se uma FD é o que, em uma dada FI e em uma conjuntura, determina “o que pode e deve ser dito” (o que equivale a dizer que as palavras, expressões, proposições recebem seu sentido da FD na qual são produzidas), convém acrescentar que essa característica não é isolada das relações contraditórias que uma FD estabelece com outra FD. (COURTINE, 2009, p.73)

Já que é a história a provedora desses conflitos, pois é movida e desencadeada pela contradição, nada impede que as FD estabeleçam entre si relações conflituosas, mas, pelo contrário, tais relações são resultantes de disputas ideológicas que se entranham e se manifestam no interior da língua. Courtine (2009) ressalta também que, assim como as FD estão inseridas nas FI, as FI inserem-se em *Formações Sociais*. Este emaranhado de ligações não é estanque, fechado em si mesmo, mas completamente exposto às influências dos deslocamentos de sentidos engrenados pelos processos históricos.

A história e suas descontinuidades foram uma preocupação constante na obra de Michel Foucault, que refletiu sobre a singularidade e a irrupção histórica dos enunciados no seio de *formações discursivas* (FOUCAULT, 2000). As contribuições do teórico permitem-nos compreender como a transformação, a reformulação, a retomada ou os silenciamentos de sentidos históricos se materializam na língua sob a forma de enunciados dispersos. Quanto ao trabalho de análise, este é aprimorado quando o analista torna-se capaz de encontrar alguma regularidade em meio à dispersão de tais enunciados, alguma ordem existente entre os elementos da FD:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva. (FOUCAULT, 2005, p.43)

Embora tenha havido esse empréstimo do termo *formação discursiva* foucaultiano pelos analistas de discurso (PÊCHEUX, 2011), estes não se furtaram a realizar uma crítica materialista ao conceito, entendendo a noção de *ideologia* como

fundamental para a concepção do processo discursivo. Segundo Sargentini (2011), seguindo os preceitos do Materialismo Histórico, Pêcheux e Robin operaram uma reconfiguração teórica no termo com o qual haviam tido contato n'Arqueologia do Saber, produzindo uma mudança substancial não apenas na concepção de discurso, mas também na concepção de *corpus*.

Apesar de reconhecer a grande utilidade do pensamento de Foucault, Pêcheux (2011) propõe uma reequação daquilo que governa o uso do termo FD, explicando o motivo pelo qual insere a teoria foucaultiana naquilo que denomina como *reformismo teórico*: “A ausência da categoria da contradição em Foucault é responsável pelo retorno de noções como aquelas de estatuto, norma, instituição, estratégia, poder etc. que contornam indefinidamente a questão do poder do Estado como lugar da luta de classes [...]” (PÊCHEUX, 2011, p.188)

Foi pela deflagração da discussão sobre a luta de classes materializada na língua que os precursores da AD inseriram a reflexão sobre *ideologia* no interior da reconfiguração teórica proposta para o conceito de FD. Por esta razão, iniciaram-se os estudos sobre como as *ideologias* manifestam-se linguisticamente, e, como consequência destes questionamentos, o arcabouço teórico da AD acabou por desconstruir a noção de maquinaria discursiva pautada na homogeneidade, reconstruindo o *modus operandi* em voga na área.

Tendo ainda como pilares Marx e Engels - que apesar de não terem produzido de forma organizada estudos sobre língua, ideologia e discurso, deixaram um legado de análises cuja metodologia tomava a literatura socialista e comunista como um processo sem sujeito (PÊCHEUX, 2011) -, os analistas consideraram que as *ideologias dominadas* não nascem independentemente das *ideologias dominantes*, mas sua emergência se dá por meio de sua contraposição com *ideologias* hegemônicas materializadas nos discursos em circulação na sociedade, como um novo nascendo do velho, respondendo àquilo que não é consenso.

Em O Estranho Espelho da Análise do Discurso, Pêcheux afirma que:

[...] parece ser crucial afastar a ideia, tanto sedutora quanto falsa, de que as ideologias dominadas, por não serem o simples reflexo inverso da ideologia dominante, constituiriam espécies de germes independentes: elas nascem no lugar mesmo da dominação ideológica na forma dessas múltiplas falhas e resistências, cujo estudo discursivo concreto supõe abranger o efeito do real histórico que, no interdiscurso, funciona como causalidade heterogênea, e, ao mesmo tempo, o efeito do real sintático, que condiciona a estrutura internamente contraditória da sequência intradiscursiva. (PÊCHEUX, 2009, p. 25-26)

A luta ideológica materializa-se discursivamente na língua, indivíduos pertencentes a classes sociais opostas falam sobre as mesmas coisas de formas distintas, conforme sua inscrição enquanto sujeitos ideológicos em determinada FD - assim se configura o assujeitamento, quando o sujeito enunciativo se inscreve no interior de uma FD, identificando-se ao sujeito universal daquela *formação*. Entretanto, o pertencimento a uma determinada classe social não impede que um indivíduo se inscreva em uma FD adversa ideologicamente à sua origem socioeconômica. Tanto um trabalhador pode sustentar o discurso do patrão quanto um jovem de família abastada pode defender “justa distribuição de renda”.

A despeito de sua origem ou classe social, um sujeito empírico pode identificar-se e posicionar-se ideologicamente contrariando a lógica de sua existência no cerne do turbilhão da luta de classes. O paradoxo é inerente ao processo discursivo, pois

em sua dinâmica não se encontram sujeitos falantes livres em oposição, mas *posições-sujeito* e *lugares sociais* ocupados pelos falantes de uma língua na instância de uma enunciação.

Podemos rememorar que “uma ideologia é não-idêntica a si mesma, ela não existe a não ser sob a modalidade da divisão, ela não se realiza senão dentro da contradição que organiza nela a unidade e a luta dos contrários” (PÊCHEUX, 2011, p.187). Se uma *ideologia* traz contradição em seu interior ou uma FD é acometida pelo paradoxo, um sujeito falante, ao se inscrever na língua e na história para significar, veicula igualmente contradições inerentes ao processo histórico de produção de sentidos.

As *ideologias* são forças colocadas em oposição umas contra as outras, nascem da mesma luta que as movimenta, a qual determina quem serão as dominantes e as dominadas, embate imerso nas *formações sociais*. Pêcheux discorre sobre tal processo com mais detalhes:

Falaremos de formação ideológica para caracterizar um elemento capaz de intervir como uma força que é confrontada a outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em dado momento. Cada formação ideológica constitui, assim, um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem individuais nem “universais”, mas que se relacionam, mais ou menos diretamente, às posições de classes em conflito umas com as outras. (...) As formações ideológicas assim definidas implicam, necessariamente, formações discursivas como um ou vários de seus componentes (PÊCHEUX apud BRANCA-ROSOFF, 2011, p.234).

A noção de *ideologia* agregada à concepção do discurso trouxe à tona a equivocidade como fator constitutivo dos processos discursivos materializados na língua. Sendo assim, a FD se deslocou teoricamente à medida que os estudiosos em AD encontravam sua fragilidade conceitual. A língua inscrita na história é constituída por falhas, descontinuidades, rupturas, retomadas, reformulações e apagamentos, razão pela qual as FD são marcadas pelo equívoco.

Segundo Gregolin (2005), a primeira reformulação da noção de FD se dá em Semântica e Discurso. A partir de então, quando se fala em teoria materialista do discurso, surge a necessidade de se pensar também a materialidade do interdiscurso (dissimulado no interior das FD), a heterogeneidade e, conseqüentemente, a instabilidade dos processos discursivos. Para a autora, tal teorização implicou no refinamento da teoria e da análise de discurso, posto que foram aprimorados os seguintes conceitos:

a) A relação entre FD e interdiscurso:[...] os sentidos, no interior das FDs, estão sob a dependência do interdiscurso. Em outras palavras, o interdiscurso é o lugar em que se constituem, para um sujeito que produz uma seqüência discursiva dominada por uma FD determinada, os objetos de que esse enunciador se apropria para fazer deles objetos de seu discurso, assim como as articulações entre esses objetos, por meio das quais o sujeito enunciador dará coerência a seu propósito no interior do intra-discurso, da seqüência discursiva que ele enuncia. Essa formulação será aprofundada por Courtine (1981); b) A relação entre intradiscurso e interdiscurso: é na relação entre o sistema da língua (base comum de processos discursivos diferenciados) e a FD (aquilo que determina o que pode e deve ser dito, em uma determinada formação ideológica, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada determinada pelo estado da luta de classes) que se realizam as práticas discursivas, os processos discursivos

diferenciados, por meio dos quais os sujeitos produzem e reconhecem os sentidos na história. (GREGOLIN, 2005, p.4-5)

Todas estas relações não se processam de forma homogênea, mas são construídas historicamente conforme as *posições-sujeito* ocupadas pelos indivíduos, cujo assujeitamento à *ideologia* se dá pela língua. Assim se dá a interpelação ideológica, processo também acometido por uma falha: a resistência.

Em *A língua inatingível*, Pêcheux e Gadet refletem sobre o artigo *Aparelhos Ideológicos de Estado*, retificação da obra marxista rotulada por adversários políticos de sociologia funcionalista por enfatizar a questão da reprodução das relações de produção capitalistas. Deslocando a crítica, o autor afirma:

Analisando o objetivo desse famoso artigo, no entanto, não há como não notar o fato de que considerar a ideologia do ponto de vista das “relações de reprodução” necessariamente implica, para um marxista, em também considerá-la do ponto de vista da resistência à reprodução, ou seja, da perspectiva de uma multiplicidade de resistências e revoltas heterogêneas que se entocam na ideologia dominante, ameaçando-a constantemente. Portanto, isso implica em considerar as ideologias dominadas não como micro-organismos ideológicos pré-construídos com a tendência para se desenvolver de tal forma que venham a substituir simetricamente a dominação da ideologia dominante. Em vez disso, implica em considerá-las como uma série de efeitos ideológicos que emergem da dominação e que trabalham contra ela por meio das lacunas e das falhas no seio dessa própria dominação. (PÊCHEUX; GADET, 2011, p. 96-97)

Tal pluralidade de efeitos ideológicos gera a dificuldade de selecionar, descrever e analisar um *corpus*, cuja gama de problemas sempre reclama sentidos históricos. A opacidade da história, da língua e dos sentidos torna insustentável qualquer formulação teórica que pressuponha transparência entre a rede de significados existente entre pensamento-linguagem-mundo. Não sendo individuais ou universais, as *ideologias* têm esse papel de estabelecer a forma pela qual os indivíduos se relacionam com a realidade social que os circunda. A determinação ideológica é tanto mais eficiente quanto menos consciência os indivíduos tenham de sua condição sócio-histórica no mundo.

Entendemos que os *lugares sociais* podem determinar ou controlar os dizeres dos sujeitos, mas os sujeitos também poderão deslocar esses *lugares* conforme a resistência que confrontem ao processo de interpelação. Assim se movimenta a história:

A materialidade dos lugares dispõe a vida dos sujeitos e, ao mesmo tempo, a resistência desses sujeitos constitui outras posições que vão materializar novos/outros lugares, outras posições. É isso que significa a determinação histórica dos sujeitos e dos sentidos: nem fixados ad eternum, nem desligados como se pudessem ser quaisquer uns. Porque é histórico é que muda e é porque é histórico que se mantém. Os sentidos e os sujeitos poderiam ser sentidos e sujeitos quaisquer, mas não são. Entre o possível e o determinado é que trabalha a análise do discurso. A determinação não é uma fatalidade mecânica, ela é histórica. (ORLANDI, 2006, p.20)

No simpósio O discurso político: teoria e análises, ocorrido no México em 1977, Régine Robin e Jacques Guilhaumou expuseram suas reflexões sobre os entrelaçamentos entre *discurso* e *ideologia*; e Michel Pêcheux, no que diz respeito à sensibilidade quanto à presença do fator ideológico na língua, acrescentou como

contribuição para a teoria do discurso a categoria marxista de *contradição* (MALDIDIER, 2003). Entendemos que somente o fator histórico poderá responder de que forma se dá a incorporação da *ideologia dominante* pela *ideologia dominada*, operando a construção do lugar do contraditório.

Maldidier discorre a respeito dessa intervenção feita por Pêcheux em *Remontemos...*:

Ao contrário de uma concepção tradicional que coloca face a face ideologia dominante e ideologia dominada, colocando-as em uma relação de exterioridade, Michel Pêcheux acentua a “dominação interna” da ideologia dominante face à ideologia dominada. Uma maneira abstrata de dizer que é preciso ler no próprio interior do discurso da ideologia dominada, na própria maneira como ele organiza a dominação da ideologia dominante. (MALDIDIER, 2003, p. 65)

Não pretendemos com este artigo responder a todas as questões decorrentes das reflexões sobre a relação entre *ideologia e formações discursivas*, mas lançar um breve ensaio encaminhado para o sentido de compreender o processo de reconfiguração epistemológica por que passou a Análise de Discurso derivada dos trabalhos do Grupo de Pêcheux em suas considerações sobre como se dá o atravessamento da luta ideológica entre as classes na língua. Para tanto, colocamos a citação de Pêcheux sobre a difícil empreitada de análise das FD, com conseqüente proposição do que pode ser feito no âmbito da AD:

Caracterizar uma formação discursiva classificando-a, entre outras, por qualquer tipologia que seja, é estritamente impossível. É necessário, ao contrário, definir a relação interna que ela estabelece com seu exterior discursivo específico, portanto, determinar as invasões, os atravessamentos constitutivos pelos quais uma pluralidade contraditória, desigual e interiormente subordinada de formações discursivas se organiza em função dos interesses que colocam em causa a luta ideológica de classes, em um momento dado de seu desenvolvimento em uma dada formação social. (PÊCHEUX, 2011, p.191)

Concordamos que a delimitação das FD em forma de tipologia seja inviável, pela presença do paradoxo no interior de qualquer que seja o processo discursivo. Portanto, consideramos imprescindível a retomada da discussão sobre como as *ideologias* se confrontam, atravessam e constituem as FD, instaurando o equívoco, a descontinuidade, a chamada explosão da maquinaria discursiva.

Dentre outros elementos que estabelecem relação intrínseca com as *formações discursivas*, encontramos a função do *porta-voz*: “O porta-voz pode ser considerado a partir das diversas formações discursivas nas quais se inscreve e não ilusoriamente apenas na expressão de uma voz de consenso” (SARGENTINI, 2006, p.80). Segundo Pêcheux, a dissimulação por meio das palavras e a observância das classes dominadas para fins de dominação relacionam-se ao poder ditatorial da burguesia, apresentado como regime democrático. Sendo assim, a função de *porta-voz* surge como forma de impedir que o povo tome o lugar de orador (PÊCHEUX, 1990).

Nossas hipóteses de trabalho convergem para o entendimento de que o sujeito político de nossa pesquisa enuncia como *porta-voz* da classe trabalhadora, inscrevendo-se ideologicamente em uma *posição-sujeito* concernente à forma-sujeito histórica do Capitalismo, ou seja, há uma manifesta contradição entre seu modo de dizer e o que diz. Ainda assim, legitima seu dizer frente a trabalhadores gozando de certa credibilidade por haver sido trabalhador (operário, sindicalista, metalúrgico, torneiro-mecânico) e por

falar como trabalhador. Pretendemos, então, evidenciar tal contradição. A seguir, traremos uma breve análise para demonstração de nossos objetivos.

2. Pronunciamentos de Lula a trabalhadores: análise e discussão.

Nosso *corpus*² abrange pronunciamentos de Luís Inácio Lula da Silva, quando presidente, dirigido a trabalhadores brasileiros, em atos de Primeiro de Maio. Escolhemos tal objeto devido à recorrente circulação de discursos sobre a ascendência de Lula da classe trabalhadora operária: *o primeiro operário a chegar à presidência da República*. Entendemos que o apelo desta modalidade de representação se configura em um processo discursivo bastante complexo, pautado em uma relação de identificação construída discursivamente entre *povo* e *porta-voz*. Este *porta-voz* não retoma a voz daqueles que representa, atua como mediador (PÊCHEUX, 1990), contudo, quando toma o poder, seu papel se atualiza como o de mero representante. O confronto discursivo desse sujeito político passa a se destinar a abstrações: a pobreza, a inflação, o desemprego, a fome, a injustiça social, anula-se o confronto político com o governo (ZOPPI-FONTANA, 1997).

Trabalharemos com o campo discursivo político, sendo o espaço discursivo o discurso de Lula. Seguindo os preceitos teórico-metodológicos da AD peucheutiana, com observância do funcionamento discursivo das declarações do sujeito enunciador, destacamos procedimentos de legitimação de seu dizer político, a partir da análise de quatro *sequências discursivas de referência*:

Fragmento I

Exatamente porque eu não sou um homem que veio de cima para baixo, eu sou um homem que vocês fizeram brotar do chão da fábrica, entrar na política e virar Presidente da República.

Eu, portanto, sei o que passa na cabeça de cada um de vocês, sei o sofrimento de um desempregado, porque já vivi a crise de 1965, vivendo 11 meses sem emprego, e sei o que se passa na casa de um desempregado. (Luís Inácio Lula da Silva, Igreja Matriz de São Bernardo do Campo, 01/05/2003)

Fragmento II

Meu amigo trabalhador e minha amiga trabalhadora,

Como ex-líder sindical, tenho a felicidade de poder dizer a vocês que depois de décadas de perdas constantes, vivemos, hoje, num país onde a massa salarial voltou a crescer e 90% dos acordos salariais estão sendo feitos acima da inflação. (Luís Inácio Lula da Silva, Pronunciamento em cadeia nacional, 01/05/2004)

Fragmento III

O trabalhador que constrói esta nação está começando a construir sua independência com as próprias mãos. (Luís Inácio Lula da Silva, Pronunciamento em cadeia nacional, 01/05/2004)

Fragmento IV

² A totalidade do *corpus* de pesquisa encontra-se em nossa dissertação (em construção), com análise mais aprofundada.

O 1º de Maio é, e será sempre, um dia muito importante na minha vida. É como se fosse o próprio dia do meu aniversário. Afinal, não faz muito tempo, eu estava em cima de um palanque, ao lado de dezenas de outros companheiros, com o microfone na mão, reivindicando e criticando governantes insensíveis que, logo após a eleição, davam as costas ao trabalhador.

Compreendo, portanto, melhor do que qualquer outro Presidente, a legitimidade e a importância das reivindicações feitas neste dia. E falo nisso com a visão de quem já foi sindicalista e hoje é o Presidente da República, e que tem, por isso mesmo, a exata dimensão do problema, vista pelos dois lados. (Luís Inácio Lula da Silva, Igreja Matriz de São Bernardo do Campo, 01/05/2005)

A associação entre a chegada de Lula à presidência e o crescimento da consciência política da classe trabalhadora remete à ideia de que os trabalhadores estariam mais do que representados: estariam eles próprios exercendo o poder através do presidente, consequentemente, contemplados pela democracia, como se o fato de estarem representados bastasse por si só para que já estivessem satisfeitos (ROSAVALLON, 1998). Ao afirmar que a sociedade tomou para si a responsabilidade de governar, Lula coloca-se como a encarnação identitária de toda a sociedade brasileira, afastando de si mesmo e de seu partido o protagonismo sobre as decisões políticas acerca dos rumos do país – desta forma, constrói-se, mais uma vez, um efeito de sentido de que o povo teria pleno domínio sobre a administração do Estado.

A menção ao fato de que é oriundo do povo é uma estratégia recorrente nos pronunciamentos de Lula, amplamente retomada tanto por opositores quanto por partidários. A ação discursiva de colocar-se no lugar do outro, como conhecedor de uma determinada causa ou situação, portador de experiência sobre determinado tema, confere legitimidade a seu dizer. A figura do *porta-voz* surge e, tomando a voz do outro, não permite que o outro fale por si. No caso, o trabalhador desempregado pode sentir-se privilegiado por ter esse presidente construído à sua imagem e semelhança, que entende e fala com propriedade sobre suas necessidades e mazelas.

Apresentar-se como ex-líder sindical ao dirigir-se a trabalhadores, ocupando o lugar social de presidente; chamar por amigo ou companheiro seus enunciários, que são eleitores, reforça a imagem de que seria um igual, aquele que se originou das massas e do movimento operário, portanto, merece a credibilidade do trabalhador. Além disso, no que diz respeito a acordos salariais, por haver sido um dos sindicalistas que esteve à frente das maiores greves já organizadas no Brasil, o que é sabido por todos e lembrado nestas constantes retomadas (ex-líder sindical, ex-presidente do sindicato dos metalúrgicos), seria justo no atendimento às reivindicações trabalhistas. Esta imagem é reiterada continuamente em pronunciamentos a trabalhadores junto à ideia de que não se trata de um presidente como os outros por ter uma trajetória de vida de um trabalhador brasileiro. Mais uma vez, notamos que o sujeito enunciator associa seu mandato a uma plena encarnação do conjunto de trabalhadores brasileiros, que constroem a nação por meio do trabalho, e que, naquele momento, teriam a chance de governar o país através do presidente eleito.

Segundo Rosanvallon (1998), o regime democrático encontra-se em crise desde meados de 1890, gerando insatisfação e dúvidas, como se se tratasse de um ideal inacabado, traído ou desfigurado. Entendemos que esta relação de identificação com trabalhadores no discurso de um presidente é apaziguadora, no sentido de que o povo representado no corpo do governante será um povo que não irá às ruas. O protagonismo de construir sua independência com as próprias mãos ainda se trata de uma ficção.

Estamos diante de uma nova configuração política: a eleição de representantes que se assemelham ao povo, que têm “autoridade” para discorrer sobre problemas sociais por tê-los vivido. A semelhança implica a identificação, conseqüentemente, reconhecimento e apaziguamento de possíveis conflitos sociais (ORLANDI, 1983).

Diante de um quadro de crise de representação no regime democrático, podemos observar, estendendo nossa visão a um longo período histórico, como os governantes reinventaram a si mesmos conforme a sociedade se transformava. As insatisfações permanecem, mas o modo de governar muda, à medida que a história se movimenta. Por meio deste trabalho, não pretendemos personalizar uma análise, mas observar, a partir da inscrição ideológica de um governante em uma FD dominante, capitalista, mas com materialidade linguística própria da FD antagônica, dos trabalhadores, como se dá uma transformação histórica do dizer político no regime democrático, que se reinventa para continuar sendo o mesmo.

Considerações finais

Visamos a uma contribuição para o campo dos estudos sobre o discurso político brasileiro por meio de uma apropriação da Teoria do Discurso. Entendemos que o trabalho em Análise de Discurso se constitui também como um trabalho de intervenção política, na medida em que avança sobre barreiras invisíveis, ideologias hegemônicas, sentidos cristalizados, verdades inquestionáveis. Realizamos uma problematização teórica acerca de um fenômeno discursivo, que, por muitas vezes, interpela os próprios pesquisadores que o analisam. Também nosso trabalho é afetado ideologicamente, assim como todos aqueles que passaram ou que estão por vir. Contudo, entendemos que a nascente de nossa inquietação se dá no seio de uma dominação: por que somos levados a repetir que fomos contemplados e não resta mais nada a fazer pelo fato de estarmos “representados”? Chegamos ao fim da história? Devido a estas razões, fundamentamos nossa pesquisa primordialmente nos textos de Michel Pêcheux, cuja obra nos incita a reflexões sobre a flexibilidade dos discursos de dominação, que partem da observância das classes dominadas para exercer sua hegemonia (PÊCHEUX, 1990).

REFERÊNCIAS

BRANCA-ROSOFF, Sonia. Formação Discursiva: uma noção muito ambígua? In: BARONAS, Roberto Leiser (Org.) *Análise de Discurso: Apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

COULOMB, M. *Pensamento sobre o corpo, o corpo pensado: corpo, encarnação e representação política*. In: V Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Ciclo de Palestras em Linguística. São Carlos, 2011.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político - O discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

FERNANDES, Cleudemar. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Claraluz, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense

Universitária, 2005.

_____. Sobre a Arqueologia das Ciências. Resposta ao Círculo de Epistemologia. In: *Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

GREGOLIN, M.R. *Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades*. Disponível em: <<http://www.uems.br/na/discursividade/Arquivos/edicao02/pdf/Maria%20do%20Rosario%20Gregolin.pdf>>. Acesso em 20 de agosto de 2011.

MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso – (Re)ler Michel Pêcheux Hoje*. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

_____. Análise do Discurso. In: ORLANDI, E.; LAGAZZI, S. *Discurso e Textualidade*. Campinas: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, Michel; GADET, Françoise. A língua inatingível. In: ORLANDI, E. *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, Inversões, Deslocamentos. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos 19*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

_____. O estranho espelho da análise do discurso. In: COURTINE, Jean Jacques. *Análise do discurso político - O discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

_____. Remontemos de Foucault a Spinoza. In: BARONAS, Roberto Leiser (Org.) *Análise de Discurso: Apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

PIOVEZANI, Carlos. *Verbo, Corpo e Voz: dispositivos de fala pública e produção de verdade no discurso político*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

ROSAVALLON, Pierre. *Le peuple introuvable*. Paris: Gallimard, 1998.

SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. Identidade do trabalhador no imaginário do povo. In: *Sentidos do povo*. São Carlos: Claraluz, 2006.

_____. A noção de formação discursiva: uma relação estreita com o *corpus* na análise do discurso. In: BARONAS, Roberto Leiser (Org.) *Análise de Discurso: Apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

ZOPPI-FONTANA, Mónica. **Cidadãos modernos**: discurso e representação política. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

Documentos

PRONUNCIAMENTOS DE LUÍS INÁCIO LULA DA SILVA. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos>. Acesso em 20 de julho de 2012.